



REFLEXÕES SOBRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA PÚBLICA.

ROSA, Paola¹. SOUZA, Antonio Escandiel de²

Palavras-chave: Investigação. Sala de aula. Língua.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que o processo de ensino e aprendizagem da língua materna é determinante para o desenvolvimento do educando enquanto sujeito, pois segundo Signorini (2002,p.77) “A língua não é somente a expressão da alma, ou do íntimo, ou do que quer que seja, do indivíduo; é acima de tudo a maneira pela qual a sociedade se expressa como se fosse a sua boca.”

De acordo com o autor, pode-se perceber que é através da língua que o indivíduo se constitui. Sendo assim, constituiu-se esta pesquisa investigativo-reflexiva na tentativa de identificar os diferentes universos culturais existentes nas escolas públicas investigadas.

Os dados foram gerados a partir de questionários para as turmas de terceiros anos de três escolas públicas no município de Cruz Alta/RS e um questionário para cada professora de língua portuguesa de cada uma destas turmas. Através da análise dos questionários dos alunos pode-se perceber que, para eles, aprender língua materna significa falar correto e a maioria justificou que não gosta das aulas de Língua Portuguesa, pois há somente o estudo das normas e regras gramaticais.

A base teórica da pesquisa foram Bagno (2002), Ilari (2006), Signorini (2002), entre outros. A pesquisa teve como objetivos identificar os diferentes universos culturais dos alunos das escolas públicas locais; refletir sobre a situação de grupos oriundos de universos culturais que não correspondem aos dominantes no contexto escolar. Buscou-se, através deste estudo, detectar práticas pedagógicas favorecedoras da expressão desses universos, a fim de transformar as reflexões em proposta alternativas voltadas à valorização da pluralidade escolar e à transformação do fracasso escolar.

Metodologia e/ou material e Métodos

Os dados coletados com os questionários foram analisados e confrontados com as teorias estudadas. Conforme já mencionado, os dados foram gerados através de

¹ Acadêmica do 8º semestre de Letras da UNICRUZ. Paola.rosa89@gmail.com. Bolsista PROBIC/FAPERGS/ UNICRUZ 2011/2012

² Doutor em Língua Aplicada, professor e pesquisador do Curso de Letras da Universidade de Cruz Alta, orientador da pesquisa que resultou neste artigo. asouza@unicruz.edu.br



questionamentos aplicados a 200 alunos dos terceiros anos do ensino médio de três escolas públicas de Cruz Alta /RS e com as três professoras de língua Portuguesa das respectivas turmas.

Para os professores foram elaborados questões que identificasse qual era metodologia, quais as concepções de língua e como o professor percebe a variação linguística em sala de aula. Já o questionário destino aos alunos procurava identificar a visão do aluno com relação à língua-alvo, bem como a metodologia do professor.

Resultados e Discussões

Através da análise dos dados, foi possível perceber a real situação da Língua Portuguesa nas escolas públicas. A língua é um meio social que promove, além de articulações entre as pessoas, ascensão ou o declínio social e, sendo assim, através da língua um indivíduo se constitui socialmente. Para Orlandi (2003, p.54) “De uma concepção de língua como sistemas, como arranjo de relações abstratas, se vai passando uma noção de língua considerada em suas características concretas, de uso, no mundo”. Ou seja, a língua passa a ter muito mais atribuições do que comunicar, informar, ela passa a ser considerada socialmente e assim tornando-se mais complexa.

Sendo a língua um fator determinante para incluir e excluir um sujeito, realizou-se essa pesquisa para que se pudesse perceber o quanto a variação linguística influencia no meio escolar. Nesta perspectiva, Soares afirma que:

É o uso da língua na escola que evidencia mais claramente as diferenças entre grupos sociais e que gera discriminações e fracasso: o uso, pelos alunos provenientes das camadas populares, de variantes linguísticas social e escolarmente estigmatizadas provoca preconceitos linguísticos e leva a dificuldades de aprendizagem, já que a escola usa e quer ver usada a variante-padrão socialmente prestigiada. (2002, p. 17)

Pode-se perceber, por meio deste estudo, que há, na escola, a divisão por grupos e que, normalmente, estes grupos constituem-se de pessoas oriundas de meios sociais semelhantes, de comunidades linguísticas semelhantes ou da mesma comunidade e que possuem, em grande maioria, a mesma forma de se expressar e, a ocorrência das variações linguísticas, por falta esclarecimento ou pelo choque de realidades e de culturas diferentes, ocorre o preconceito linguístico.

Mas o que é esta variação linguística e por que ela ocorre? Conforme Bagno (2002, p. 52) “O que acontece é que em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico.”



Esta variação ocorre em todos os ambientes, mas na escola é que ele fica mais evidente, pois a escola só proporciona o ensino tradicional da Língua Portuguesa, aquele voltado para a nomenclatura gramática onde tudo que foge ao padrão da norma culta é considerado “erro”.

Analisando os dados coletados, percebe-se que, na escola, o preconceito lingüístico também é praticado pelas professoras, que ainda estão presas ao ensino tradicional, esquecendo que a língua é viva. Neste sentido, Luft (2008, p.23) acrescenta que “A verdadeira gramática, imanente à linguagem, é algo vivo, por isso flexível.” Luft enfatiza, dessa forma, que a gramática também deveria registrar estas variações da língua, pois são novas tendências que se formam através do uso efetivo da linguagem.

Constatou-se, também, através do estudo, que os docentes praticam o preconceito lingüístico quando não percebem a língua e suas modificações, tendências e flexibilidade. Quando descartam ou desconhecem o estudo lingüístico e suas teorias e constatações, ignorando, assim, boa parte da língua materna, fixando-se apenas na estrutura gramatical, descartando a língua em sua totalidade.

A gramática possui seu valor e suas atribuições para a Língua Portuguesa, porém não deveria ser a única forma de se ensinar a língua materna. O alunos têm de perceber a diferença entre a fala e a escrita, que se estabelecem algumas variações na fala que não são pertencentes, ou melhor, não podem ser expressas da mesma maneira na escrita e, nesse sentido, apenas uma professora que participou da pesquisa disse que quando há muitas expressões das falas cotidianas que são transcritas, ela procura fazer um trabalho de produção textual em que estas expressões são usadas e a partir da produção, busca, juntamente com os alunos, substituir a expressão por uma correspondente na norma culta

Entre os educandos, percebeu-se dois casos de preconceito lingüístico, a maioria diz nunca ter sofrido, porém, durante as observações, constatou-se em uma mesma escola dois casos em que a forma como um aluno se expressava incomodava o outro e, assim, eles passavam a trocar agressões verbais, repetindo o “erro de português” do colega e utilizando “a forma correta de se expressar”.

Outro ponto relevante da pesquisa foi o fato de perceber que os professores de língua materna desconsideram a variação lingüística, acreditando que apenas a forma padrão culta pertence e merece o estudo na escola. Observou-se que alguns docentes não têm o conhecimento dessa variação e, por isso, passam a ignorá-la. Sendo assim, o preconceito tem ocorrido por quem deveria defender a língua em suas variadas formas, em sua totalidade, tendo a sensibilidade de distinguir a fala da escrita, a norma culta e sua variação.



Conclusão

Constatou-se através deste estudo, que há a necessidade de reestruturar o ensino da língua portuguesa nas escolas públicas. Evidenciou-se necessidade de se perceber a língua materna em um âmbito mais amplo, reconhecendo a importância do estudo da gramática, havendo o estudo e a discussão das variações linguísticas.

Através da análise e comparação dos dados, percebeu-se que todas as professoras que colaboraram da pesquisa possuem mais de 16 anos de profissão, 80% delas responderam que utilizam a fala dos alunos para corrigi-los em sala de aula e, sendo assim, elas expõem os alunos diante da classe, expondo-os em uma situação constrangedora.

De 100% das professoras colaboradoras, apenas 20% respondeu que é necessário valorizar esta variação e torná-la aliada no processo de ensino-aprendizagem e, sobre o ensino da gramática, 100% das professoras responderam que ensinam de uma forma tradicional e que o ensino da gramática é muito relevante para o desenvolvimento dos educandos.

Com relação à leitura e produção textual, todas reconheceram como importante em sala de aula e afirmaram que é essencial para o desenvolvimento dos alunos, porém, acrescentaram que prioriza o trabalho com a gramática porque os alunos precisam desse conhecimento para desenvolver outras habilidades.

Conclui-se que a visão sobre a língua materna deve ser modificada, tanto por parte dos docentes como dos discentes, precisa-se desmistificar e refletir sobre a língua e sobre o brasileiro não saber sua própria língua materna. Sendo assim, é necessário um movimento muito grande para modificar a ideia de que Língua Portuguesa se resume à gramática tradicional, forma culta, a percepção de que a língua portuguesa é muito mais do que gramática, que é algo vivo, flexível e que se modifica constantemente.

Referências:

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. ED. Loyola: São Paulo, 2002.

ILARI, Rodolfo; Basso, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.

LUFT, Celso. **Língua & Liberdade: uma nova concepção de língua materna e seu ensino**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

SIGNORINI, Inês. **Língua (gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP. Mercado de Letras, 2002.